



# inCORPOrAÇÃO

REVISTA DO NÚCLEO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA UEFS

## TRABALHO DOCENTE COM PRÁTICAS CORPORAIS EM ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

### TEACHING WORK WITH BODY PRACTICES IN NON-GOVERNMENTAL ORGANIZATIONS

Cecília Lima Martins Costa. Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
cecilialimamcosta@gmail.com

Manoela Pita da Silva. Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
manopita0601@gmail.com

Suzana Alves Nogueira Souza. Professora Titular do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
sansouza@uefs.br

#### RESUMO

Este artigo busca entender como se estabelece a organização do trabalho docente com as práticas corporais nas Organizações Não Governamentais (ONG), analisando quatro estudos que abordam esse tema. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com caráter descritivo e abordagem qualitativa através de seleção de materiais, que foi realizada nas bases de dados SciELO e Google Acadêmico, considerando publicações dos últimos 5 anos (2020–2025). Verificou-se que as práticas corporais analisadas nos estudos e desenvolvidas nas ONG assumem um papel pedagógico que vai além da técnica, promovendo inclusão, fortalecimento da identidade, disciplina e transformação social. Entretanto, foi identificado que muitos docentes enfrentam desafios, como ausência de formação específica para atuar nesses contextos, falta de recursos e desvalorização institucional. Este estudo irá subsidiar a prática pedagógica de outros professores, que muitas vezes se deparam com a incompreensão de como organizar o trabalho pedagógico com as práticas corporais nas ONG.

**Palavras-chave:** organizações não governamentais; práticas corporais; trabalho docente.

#### ABSTRACT

*This article aims to understand how the organization of teaching work with body practices is established in Non-Governmental Organizations (NGO), by analyzing four studies that address this topic. It is a bibliographic research with a descriptive nature and a qualitative approach, carried out through the selection of materials from the SciELO and Google Scholar databases, considering publications from the last five years (2020–2025). It was found that the body practices analyzed in the studies and developed within NGOs play a pedagogical role that goes beyond technique, promoting inclusion, identity strengthening, discipline, and social transformation. However, it was identified that many teachers face challenges such as the lack of specific training to work in these contexts, lack of resources, and institutional devaluation. This study will support the pedagogical practices of other teachers who often face difficulties in understanding how to organize teaching work with body practices in NGO.*

**Keywords:** non-governmental organizations; body practices; teaching work.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo se trata de uma investigação científica que tematiza a forma como os professores de Educação Física organizam o trabalho pedagógico com as práticas corporais em Organizações Não Governamentais (ONG).

As ONG são instituições sem fins lucrativos que atuam de forma autônoma, complementando as ações do Estado e respondendo a demandas da sociedade civil (Santos *et al.*; 2020; Moraes, 2019). Essas organizações surgiram através de comunidades que expressavam a necessidade de obtenção de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, elas atuam em diversos setores, como saúde, educação, meio ambiente etc., e são divididas em associações, organizações da sociedade civil de interesse público (OSCIP), organizações sociais (OS) e fundações.

Além disso, destaca-se que a Educação Física é uma área extremamente ampla, e o trabalho pedagógico que pode ser realizado com ela em Organizações Não Governamentais é rico em possibilidades. Cada ONG possui suas particularidades e métodos de fornecer o aparato necessário em seu contexto; assim, através das práticas corporais, é possível promover uma educação integral do indivíduo, contribuindo para que ele seja um ser ativo na sociedade.

Como discentes do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), nós nos sentimos inquietas ao nos depararmos com um detalhe exposto no Projeto Político-Pedagógico do Curso (PPC), e o seu desdobramento na nossa formação. Segundo o PPC, a graduação prepara os estudantes para atuarem em diferentes contextos, incluindo as ONG, como descrito em seus objetivos:

O Curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana objetiva a preparação e o desenvolvimento de profissionais de educação física para funções de magistério na educação básica em suas etapas – educação infantil, ensino fundamental, ensino médio – e modalidades – educação de jovens e adultos, educação especial, educação profissional e técnica de nível médio, educação escolar indígena, educação do campo, educação escolar quilombola e educação à distância – e nos espaços educativos não-escolares (Organizações Não-Governamentais, Brinquedotecas, Projetos de Formação Esportiva e outros), a partir de compreensão ampla e contextualizada de educação e educação escolar, visando assegurar a produção e difusão dos conhecimentos da Cultura Corporal de Movimento e a participação na elaboração e implementação do projeto político-pedagógico da instituição, na perspectiva de garantir, com qualidade, os direitos e objetivos de aprendizagem e o seu

desenvolvimento, a gestão democrática e a avaliação institucional (UEFS, 2018, p. 52-53).

Porém, ao verificar as ementas dos componentes curriculares do Curso, observa-se que nenhuma contempla o termo ONG, evidenciando uma lacuna na formação. Dessa forma, o interesse em realizar um estudo que discorra sobre essa temática surgiu a partir da identificação de um gargalo atrelado à formação dos estudantes de Educação Física da UEFS quando tematiza a atuação nas Organizações Não Governamentais. Assim, este estudo pretende compilar todos os artigos encontrados que abordam esse tema, ajudando a subsidiar a prática pedagógica de outros professores que, muitas vezes, deparam-se com a incompreensão de como organizar o trabalho pedagógico com as práticas corporais nesses espaços.

Dessa forma, é de suma importância que mais obras que abordem essa temática sejam produzidas, sejam elas artigos de revisão, pesquisas de campo etc., pois, além de subsidiarem a prática pedagógica de outros professores, como citado acima, poderão fornecer dados e pareceres acerca da realidade das ONG, da práxis pedagógica dos professores, da organização do trabalho docente com a Educação Física nesses espaços etc. e, assim, permitir que a comunidade acadêmica e científica possa pensar possibilidades de cenários mais favoráveis a uma atuação docente de maior qualidade nesses espaços.

Portanto, o estudo possui como pergunta de investigação: como ocorre a organização do trabalho docente com práticas corporais nas Organizações Não Governamentais? E tem por objetivo analisar, a partir da leitura científica, de que forma é organizado o trabalho docente com práticas corporais nas ONG.

## **2 ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS**

As Organizações Não Governamentais (ONG) são instituições sem fins lucrativos que, em sua maioria, sobrevivem por meio de doações e voluntariado, desenvolvendo atividades que atendem às necessidades da sociedade civil (Santos *et al.*, 2020; Silva, 2018). Dessa maneira, as ONG constituem o terceiro setor, que se

caracteriza como parte intermediária entre o primeiro setor (Estado) e o segundo setor (mercado), complementando as ações do Estado e suprindo as demandas que o mesmo não soluciona ou assiste de maneira efetiva (Tachizawa, 2011).

O termo ONG, propriamente dito, surgiu na década de 1940, através da Organização das Nações Unidas (ONU) para diferenciar entidades sem fins lucrativos de organizações associadas ao Estado. Elas se destacaram no Brasil na década de 1970, em um contexto de resistência à ditadura militar (1964 a 1985) e com o objetivo de promover uma sociedade mais justa e democrática. Esse movimento ganhou força a partir de 1988, com a redemocratização e com a promulgação da Lei nº 9.790/1999, “[...] que dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências” (Brasil, 1999, p. 1).

Ademais, essas organizações podem ser classificadas em diferentes tipos, cada uma com suas características específicas e regulamentações, sendo elas caracterizadas como: Associações – entidades formadas por um grupo de pessoas com um interesse/objetivo em comum, sem fins lucrativos; Fundações – essas organizações se destinam a um objetivo/finalidade específica, com um valor destinado especificamente para isso; Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) – possuem reconhecimento do Estado e podem fazer parceria para realizar suas ações, além de poderem receber recursos públicos; e Organizações Sociais (OS) – essas entidades podem gerenciar áreas como educação e saúde, e são reconhecidas pelo poder público (Almeida, 2021).

As ONG desempenham um papel importante em áreas como saúde, educação, meio ambiente, segurança, entre outras, e possuem autonomia para definir suas práticas pedagógicas e sociais. Nesse sentido, estudos recentes têm ampliado a compreensão sobre o papel das ONG e da cultura corporal de movimento no campo da Educação Física. Borges e Neira (2023) discutem a cultura corporal como um acontecimento discursivo, ressaltando que ela deve ser entendida como produção histórica e política que rompe concepções tradicionais e reducionistas da área. Essa perspectiva crítica reforça a necessidade de reconhecer as práticas corporais como expressões carregadas de significados sociais e culturais. No mesmo sentido, o dossiê publicado pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2024) evidencia como gênero, raça e classe atravessam a experiência corporal, destacando a importância de abordagens interseccionais e decoloniais que desnaturalizam visões

homogêneas sobre o corpo e valorizam sua pluralidade.

Outra contribuição relevante é apresentada por Carvalho Júnior (2023), ao relatar uma experiência de extensão universitária voltada para a promoção da saúde de pessoas com deficiência visual por meio da cultura corporal de movimento. O autor demonstra que práticas corporais inclusivas em espaços educativos ampliam o acesso à cidadania cultural, reafirmando o potencial das ONG e dos projetos sociais para atuar de forma sensível às singularidades dos sujeitos. Dessa forma, observa-se que a compreensão contemporânea da cultura corporal e de sua presença em organizações sociais não governamentais exige um olhar crítico, inclusivo e contextualizado, que reconheça o corpo como território de significados, de identidades e de transformação social.

Assim, é de suma importância destacar a contribuição e influência que essas organizações apresentam em um dos principais campos abordados por este estudo, o da educação. Segundo Lyrio (2024), quando se comparam os setores que mais possuem ONG atuando neles, as que trabalham no âmbito educacional ainda se apresentam em uma quantidade reduzida; porém, salienta sua relevância na formação de indivíduos que não possuem acesso a uma educação de qualidade, para que possam participar e intervir ativamente na sociedade.

Todavia, dentre tantos aspectos positivos acerca das ações promovidas pelas Organizações Não Governamentais, devem-se salientar as dificuldades enfrentadas por essas instituições que, por diversas vezes, são invisibilizadas. Dessa forma, Fernandes *et al.* (2025, p. 11) afirmam que: “Contudo, apesar das conquistas, o terceiro setor enfrenta desafios significativos. A sustentabilidade financeira continua sendo um obstáculo, com muitas organizações dependendo de doações e financiamentos que podem ser instáveis”.

Dessa forma, entende-se que essas organizações são de extrema importância na sociedade, pois oferecem um aparato significativo em diversos setores. Porém, ainda se faz necessário fomentar o debate acerca da invisibilização recorrente e que afeta intensamente os trabalhos que poderiam e podem ser feitos pelas ONG.

### 3 AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

Segundo Oliveira (2011, p. 8): “[...] a Educação Física (EDF) é uma prática social, como em última instância são todas as atividades humanas [...]”. Dito isso, a EDF reúne tudo que já foi e vem sendo historicamente produzido pela humanidade, ela vai muito além de pensar somente o corpo em um sentido fisiológico, apenas; fundamenta-se como área do conhecimento que possui a cultura corporal de movimento como objeto de estudo.

Além disso, é importante destacar que a cultura corporal de movimento engloba diversas manifestações culturais produzidas pela humanidade, dentre elas, as práticas corporais, que envolvem o movimento, o jogo, a luta, a dança, o esporte e a ginástica. Essas manifestações não se limitam à dimensão biológica do corpo, mas constituem produções simbólicas e sociais que expressam valores, identidades e modos de ser em diferentes contextos históricos e culturais (Soares *et al.*, 1992; Daolio, 2004). Nessa perspectiva, compreender o corpo em movimento significa reconhecê-lo como um espaço de significados, atravessado por relações de poder, pela diversidade cultural e pela possibilidade de transformação social.

A atuação da Educação Física em Organizações Não Governamentais assume um papel fundamental como prática educativa, sociocultural e política. Nesses espaços, as práticas corporais não se limitam à reprodução de esportes ou atividades físicas, mas se constituem como instrumentos de transformação social e de ampliação dos direitos culturais e de cidadania. Segundo Pinto *et al.* (2025), a Educação Física, em seus mais diversos contextos, atua na promoção da inclusão social, no fortalecimento da identidade e da autoestima, na valorização da diversidade e na construção coletiva de sentidos sobre corpo, consciência, movimento e convivência comunitária.

Ademais, por meio de propostas interdisciplinares, lúdicas e dialógicas, as ações de Educação Física nas ONG podem contribuir para a formação crítica dos sujeitos, principalmente em contextos de vulnerabilidade. Isso exige dos profissionais um olhar sensível às realidades sociais e culturais dos públicos atendidos, bem como um compromisso ético com os princípios da justiça social e da equidade. Assim, compreender o papel da Educação Física em ONG é essencial para a formação de educadores conscientes de seu potencial pedagógico transformador.

Dessa forma, neste estudo adota-se a perspectiva da Educação Física como área de conhecimento, compreendendo que é nesse campo que se inserem as práticas corporais. Conforme Soares *et al.* (1992), essas práticas, como o jogo, a luta, a dança, os esportes e a ginástica, são expressões culturais carregadas de significados, que podem ocorrer tanto individual quanto coletivamente. Tais manifestações não se reduzem à atividade física em si, mas representam saberes historicamente construídos, atravessados por dimensões simbólicas, sociais e políticas. Assim, ao serem desenvolvidas em contextos como o das ONG, essas práticas ganham potência educativa, sendo mobilizadas não apenas para o desenvolvimento físico, mas para a promoção da inclusão, da cidadania, da construção de identidades e do fortalecimento de vínculos comunitários. Compreendê-las dessa maneira amplia o olhar sobre o papel da Educação Física nesses espaços, valorizando sua capacidade de intervir criticamente na realidade social.

Um exemplo recente que contribui para essa discussão é o estudo de Souza, Menezes e Braga (2023), que analisa a presença das práticas corporais em projetos sociais voltados à juventude. As autoras destacam que essas práticas, quando propostas de forma crítica e dialógica, tornam-se ferramentas potentes de inclusão, construção de vínculos, valorização da identidade cultural e promoção da participação cidadã. O estudo mostra que, sobretudo em territórios marcados por desigualdades sociais, as práticas corporais podem funcionar como espaços de acolhimento e expressão dos sujeitos, contribuindo para a formação de projetos de vida mais autônomos. Isso reforça a importância de uma atuação docente sensível e comprometida com as realidades locais, que reconheça o potencial das práticas corporais para promover a transformação social.

#### **4 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE COM AS PRÁTICAS CORPORAIS NAS ONG**

A organização do trabalho docente nas ONG é profundamente marcada pelas condições materiais, sociais e institucionais que caracterizam esses espaços. Segundo Oliveira (2008), essas condições impactam diretamente a prática pedagógica nesses espaços, exigindo dos professores adaptação constante, criatividade e sensibilidade às realidades locais. Diferente do ambiente escolar formal,

onde há currículos, estrutura física mínima e carga horária determinada, nas ONG, o planejamento e a execução das atividades dependem em grande parte da autonomia e da criatividade do professor.

Segundo Assumpção e Ishibashi (2023), o trabalho pedagógico desenvolvido nas ONG exige uma postura crítica e sensível às especificidades do público atendido. O docente precisa, antes de tudo, compreender o contexto social dos sujeitos com quem atua, seus vínculos comunitários, identidades culturais e demandas locais. Assim, a proposta pedagógica precisa ser construída de forma dialógica e participativa, respeitando as diferenças e promovendo a escuta ativa. Essa flexibilidade exige do professor competências que muitas vezes não são suficientemente trabalhadas na formação inicial, como a mediação de conflitos, a criação de vínculos afetivos, a proposição de atividades significativas e o uso de metodologias participativas. Como destaca Nóvoa (1992), a formação de professores deve preparar o educador para atuar de forma autônoma, crítica e sensível aos contextos socioculturais.

As práticas corporais, nesse sentido, tornam-se mais do que instrumentos de ensino: são espaços simbólicos e políticos de disputa por sentido, identidade e pertencimento. Daolio (2004) aponta que as práticas corporais são construções culturais e simbólicas que vão além do corpo físico e técnico, sendo carregadas de significados que refletem as condições sociais e culturais dos sujeitos. É fundamental, portanto, que o trabalho pedagógico nessas instituições esteja alinhado com uma concepção crítica da Educação Física, que não reduza o corpo à técnica ou à performance, mas que o reconheça como território de experiências, emoções, saberes e potência social. Como destaca Freire (2018), educar é um ato político, e o trabalho docente nos espaços das ONG exige engajamento com os princípios da justiça, da emancipação e da transformação social.

Nesse cenário, cabe também às universidades e aos cursos de formação inicial refletirem sobre sua responsabilidade em preparar os futuros professores para esse campo de atuação. Tardif (2002) afirma que a formação inicial deve dialogar com os contextos reais de atuação dos professores, especialmente em espaços não escolares. A inclusão de discussões, vivências e componentes curriculares que abordem as práticas corporais nas ONG é um caminho possível para fortalecer essa formação e ampliar o conhecimento da Educação Física como direito social.

Nesse mesmo sentido, o estudo de Cunha e Martins (2023) reforça que a

atuação docente em ONG exige habilidades que vão além da formação técnica, como escuta ativa, empatia e flexibilidade pedagógica. As autoras argumentam que, em contextos marcados pela precariedade de recursos, os educadores precisam criar estratégias que articulem o conhecimento teórico à prática social, construindo experiências educativas significativas. O trabalho evidencia ainda que muitos desses profissionais desenvolvem saberes pedagógicos próprios, resultantes da vivência cotidiana nas ONG, o que demanda o reconhecimento da importância das formações continuadas e contextuais para potencializar a atuação docente nesses espaços.

## 5 METODOLOGIA

Este estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2022), é uma pesquisa realizada com base em materiais já publicados, como artigos científicos e livros. Possui caráter exploratório, em que se busca a familiarização com o tema e investigação do mesmo. O estudo é de abordagem qualitativa, que trabalha com a percepção e subjetividade do outro e busca interpretar fenômenos sociais que não podem ser mensurados através de variáveis numéricas (Minayo, 2004).

A amostra do estudo foi constituída por 4 (quatro) artigos, com seleção dos materiais realizada nas bases de dados SciELO e *Google Acadêmico*, e os critérios de inclusão foram: artigos escritos no idioma português, originais e publicados nos últimos 5 (cinco) anos (2020–2025). Foram utilizados como descritores: “ONG”, “Organizações Não Governamentais”, “Terceiro Setor”, “Práticas Corporais”, “Trabalho Docente”, “Educação Física”, “Esportes” e “Professor de Educação Física”.

Ao serem pesquisados os descritores acima, foram pré-selecionadas 57 (cinquenta e sete) obras, pois apresentavam alguma relação com a temática escolhida. Dessas, 54 (cinquenta e quatro) foram descartadas, pois estavam dentro dos critérios de exclusão, sendo esses critérios: livros (2), artigos de revisão (8), dissertações (2), teses (8), monografias, trabalhos de conclusão de curso (8), obras em língua estrangeira ou que não abordassem diretamente a temática (26). Ao final, 4 (quatro) obras foram selecionadas, uma vez que correspondiam diretamente ao objeto de estudo desta pesquisa e atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos.

O protocolo de análise utilizado para o tratamento dos dados foi baseado nos quatro tipos de leitura descritos por Gil (2002), sendo realizada, primeiramente, a

leitura exploratória, que consiste na identificação geral dos textos e no estudo dos elementos que compõem um artigo, como o resumo, a folha de rosto e a introdução. Essa leitura auxiliou na pré-seleção dos trabalhos que seriam utilizados na produção deste estudo. Após o refinamento e a leitura dos artigos que abordavam, de alguma forma, o tema escolhido para o estudo, passou-se para a leitura seletiva, na qual foi feita a seleção dos textos mais relevantes e verificado se o artigo respondia à pergunta de investigação. Em seguida, foi efetuada a leitura analítica, buscando compreender a estrutura e os argumentos de cada trabalho e, por fim, a leitura interpretativa, que abordou a síntese e as conclusões.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS OBRAS

Esta seção se dedica à realização da análise e discussão das 4 (quatro) obras que foram selecionadas após o refinamento, com triangulação entre os dados obtidos na revisão bibliográfica, as discussões teóricas e a realidade da formação docente em Educação Física para atuação em ONG. O Quadro 1, a seguir, sintetiza as obras analisadas, destacando autores(as), ano da publicação, tema central e principais contribuições.

**Quadro 1:** Levantamento de obras

<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE COM PRÁTICAS CORPORAIS NAS ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS</b>
Projeto social, esporte e educação: a produção da identidade no ensino do taekwondo	2024	Gizeli Aparecida Pereira e Mário Luiz Ferrari Nunes	Parceria por meio do Programa Escola da Família. Atividades oferecidas aos finais de semana, com participação de voluntários, bolsistas e professores da área. Prática do esporte como forma de ocupar o tempo livre dos jovens e os ajudar a seguirem um “bom caminho”, reforçando valores como disciplina, respeito e hierarquia.
Sobre a autonomia e a ginástica: a práxis na implementação da ginástica para todos em organizações não governamentais	2023	Bianca Assumpção e Eliana de Toledo Ishibashi	Valorização da coletividade, diálogo e envolvimento dos educandos. Perspectiva crítica e emancipadora, inspirada nas ideias de Paulo Freire. Fortalecimento da autonomia dos educadores e ampliação do acesso à cultura corporal de forma inclusiva, respeitando as diferenças e

			potencialidades de cada um.
Compromisso educacional e social: Trajetórias de professores que desenvolvem projetos sociais esportivos	2021	Marcos Roberto Godoi, Larissa Beraldo Kawashima e Evando Carlos Moreira	Esforço e compromisso individual de professores que atuam de forma voluntária, sem apoio financeiro fixo. Utilização da criatividade, através das aulas de diversas práticas corporais para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Iniciativa e dedicação dos próprios professores, que enxergam no esporte uma ferramenta para transformar realidades.
Driblando a violência através do esporte: tensões na abordagem de gênero com jovens de um projeto social	2021	Juliana Pelluso, Fátima Cecchetto e Fernanda Mendes Lages Ribeiro	Organização do trabalho docente baseada em capacitações formais, com pouco espaço para diálogo crítico. Aulas voltadas para práticas esportivas e regras de conduta, sem aproveitamento pedagógico de situações vividas. Predomínio de uma lógica verticalizada, dificultando a construção coletiva de saberes sobre gênero e violência.

**Fonte:** Elaboração própria (2025).

As quatro obras analisadas neste estudo abordam, sob diferentes perspectivas, a organização do trabalho docente com práticas corporais em Organizações Não Governamentais. Em comum, os estudos de Assumpção e Ishibashi (2023) e Godoi, Kawashima e Moreira (2021) evidenciam que tais práticas são desenvolvidas em contextos de escassez de recursos, mas também de forte engajamento social, mostrando que o papel do professor transcende à aplicação de técnicas, sendo também mediador de afetos, vínculos e transformação social. Já as obras de Pelluso, Cecchetto e Ribeiro (2021) e de Pereira e Nunes (2024) expõem uma diferente perspectiva em relação à organização dessas práticas, apresentando uma reflexão sobre como podem enquadrar o jovem numa lógica de controle.

Além das análises individuais, é pertinente destacar que os quatro estudos convergem ao mostrarem como a organização do trabalho docente em ONG não pode ser reduzida a um modelo único, mas deve ser entendida a partir das condições concretas de cada realidade. A diversidade de propostas pedagógicas revela que a atuação docente nesses espaços é atravessada por tensões entre uma lógica de controle social e uma perspectiva emancipatória. Enquanto alguns projetos reforçam normas disciplinares e comportamentos esperados, outros se apoiam em uma pedagogia crítica, dialógica e inclusiva, que considera as especificidades

socioculturais dos sujeitos atendidos.

Esse contraste demonstra que o simples oferecimento de práticas corporais não garante, por si só, transformação social. É a forma como o professor organiza e conduz o trabalho pedagógico – se de modo verticalizado ou participativo – que define o potencial crítico dessas experiências. Desse modo, a discussão amplia a compreensão de que o papel da Educação Física em ONG precisa ser pensado de forma crítica, reconhecendo tanto seus limites quanto suas possibilidades de promover inclusão, cidadania e emancipação social (Freire, 2018; Daolio, 2004).

No artigo de Assumpção e Ishibashi (2023), a organização do trabalho com práticas corporais nas ONG que participaram da pesquisa foi pensada de forma coletiva, valorizando o diálogo. Assim, a proposta de Ginástica para Todos foi implantada em quatro etapas, a partir de uma construção coletiva com os educadores, sendo elas: formação dos educadores, planejamento e aplicação das aulas, acompanhamento com tutoria e, por fim, a apresentação em um festival. A organização do trabalho docente se deu com base no diálogo, no planejamento participativo e na valorização da autonomia dos profissionais. Um trecho marcante das autoras destaca:

O processo foi construído com base em uma perspectiva crítica e emancipadora, inspirada nas ideias de Paulo Freire. Assim, a prática corporal foi tratada não apenas como atividade física, mas como uma oportunidade de fortalecer a autonomia dos educadores e ampliar o acesso à cultura corporal de forma inclusiva, respeitando as diferenças e potencialidades de cada um (Assumpção; Ishibashi, 2023, p. 10).

Evidencia-se, nesse estudo, que os professores apontam uma participação muito grande na realização das práticas pedagógicas, e como é recompensador ver os estudantes engajados – muitos deles destacam o quanto isso é importante na vida dos alunos. Porém, paralelo a isso, eles também reforçam as dificuldades que foram encontradas no decorrer do processo, como, por exemplo, a dificuldade de manter os alunos motivados e engajados durante a realização dos projetos ao longo do tempo, como citam também Pereira e Nunes (2024).

Já no estudo de Godoi, Kawashima e Moreira (2021), o foco recai sobre a trajetória de professores que, a partir do esforço e compromisso individual, atuam voluntariamente em projetos sociais esportivos, sem apoio financeiro fixo. A análise aponta que esses docentes enfrentam dificuldades estruturais, como ausência de

apoio institucional e falta de financiamento, mas ainda assim organizam aulas de capoeira, *badminton* e voleibol com criatividade e compromisso social para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Esses projetos são planejados indo além do esporte como técnica, e valorizando o cuidado, o acolhimento e o desenvolvimento social dos participantes.

Os autores afirmam que as práticas corporais nesses espaços assumem uma função de resistência, sendo vistas como "[...] meios de formação humana e não apenas como instrumentos técnicos" (Godoi; Kawashima; Moreira, 2021, p. 2485). A organização do trabalho, nesse caso, depende muito da iniciativa e da dedicação dos próprios professores, que enxergam o esporte como uma ferramenta para transformar realidades.

Observa-se que muitos desses professores tiveram algum tipo de atravessamento com as práticas corporais ou com os projetos sociais durante sua trajetória de vida. E que isso foi um fator importante para que eles pudessem se envolver e realizar essas ações.

O artigo de Pereira e Nunes (2024) analisa o projeto de Taekwondo realizado por meio do Programa Escola da Família. Nesse estudo, observa-se uma organização baseada em parcerias entre Estado, universidades e ONG; e as atividades são oferecidas aos finais de semana, com participação de voluntários, bolsistas e professores da área. Apesar da intenção educativa, o texto alerta que a lógica disciplinadora do esporte pode reproduzir uma visão normativa do corpo e do comportamento dos jovens, o que exige uma reflexão crítica por parte dos docentes. Os autores afirmam que: "Mesmo com boas intenções, o projeto acaba reproduzindo discursos que enquadram esses jovens dentro de uma lógica de controle social, esperando que eles se adaptem a um modelo considerado 'correto' pela sociedade" (Pereira; Nunes, 2024, p. 15).

Nota-se que esse estudo, diferentemente das obras de Kawashima e Moreira (2021) e Assumpção e Ishibashi (2023), discorre sobre a atuação das ONG na sociedade de maneira mais crítica, reconhecendo a importância que essas organizações possuem, mas analisando de maneira mais profunda o papel que elas desempenham na sociedade, e como muitas vezes elas assumem situações pelas quais o Estado deveria se responsabilizar.

No estudo de Pelluso, Cecchetto e Ribeiro (2021), a análise etnográfica de um projeto social no Rio de Janeiro voltado para prevenção da violência e promoção

da equidade de gênero revela tensões importantes na organização do trabalho docente. As autoras observam que, embora o projeto se proponha a trabalhar com práticas corporais a partir de uma pedagogia libertadora, na prática, adota uma postura próxima à educação “bancária”, tão criticada por Freire (2018). O conteúdo é transmitido verticalmente, sem espaço para construção coletiva ou reflexão crítica com os educandos. Situações reais, como conflitos entre jovens ou manifestações de machismo, deixam de ser aproveitadas como gatilhos pedagógicos e são tratadas com repressão ou silêncio.

Essa contradição evidencia, além das limitações pedagógicas, uma invisibilização estrutural do trabalho realizado pelas Organizações Não Governamentais no campo educacional. Apesar de sua atuação significativa em territórios vulneráveis, promovendo acesso à cultura, ao esporte e à cidadania, as ONG frequentemente enfrentam desvalorização institucional, ausência de políticas públicas de fomento e um reconhecimento limitado por parte das universidades e dos órgãos governamentais. Segundo Ramos e Santos (2023), essas organizações são frequentemente tratadas como alternativas paliativas às ausências do Estado, e não como espaços legítimos de produção de conhecimento e transformação social.

A invisibilidade do trabalho desenvolvido nas ONG compromete o reconhecimento da importância de seus educadores e projetos, além de contribuir para a precarização das condições de atuação e a escassez de formação específica para os docentes. Como apontam Oliveira e Muniz (2022), a ausência de discussões sobre esse campo nos currículos de formação inicial agrava a descontinuidade dos projetos, o improvisado pedagógico e a frágil articulação entre teoria e prática. Portanto, torna-se urgente reconhecer as ONG como parte integrante do sistema educativo ampliado, articulando ações que fortaleçam sua atuação e garantam o direito à educação em suas múltiplas formas e espaços.

Assim, segundo as autoras, “[...] não podemos afirmar que gestores e educadores conseguiram criar um espaço para problematização e criticidade cujo objetivo seria a busca da transformação social” (Pelluso; Cecchetto; Ribeiro, 2021, p. 6).

Esse estudo reforça a crítica sobre como práticas corporais podem ser usadas como instrumentos disciplinadores e ajuste ao *status quo*, ao invés de ferramentas de emancipação, dependendo da forma como o trabalho docente é organizado nas ONG. Mostra também a urgência de uma formação crítica dos educadores para que possam

lidar com temas como violência e gênero de maneira dialógica e não normativa.

Reconhecer que urge uma formação verdadeiramente integral, que torne o terceiro setor, as ONG, e sua relação com a Educação Física assunto de discussão dentro das licenciaturas é um primeiro e grande passo para que possa ocorrer uma transformação do cenário em que se encontra a matriz curricular do curso. Haja vista que evidencia-se, durante esse estudo, a importância dessas organizações e como são capazes de fazer a diferença na vida de diversas pessoas.

Ao retomar a questão da formação inicial em Educação Física, nota-se que persiste uma lacuna significativa no currículo das licenciaturas no que diz respeito à preparação para atuação em contextos não escolares, especialmente nas ONG. Embora o Projeto Político-Pedagógico de Curso da Licenciatura em Educação Física da UEFS (2025) reconheça formalmente esses espaços como campos de atuação, as ementas das disciplinas não contemplam conteúdos voltados ao terceiro setor, nem experiências práticas nesses ambientes. Essa ausência fragiliza a formação dos futuros professores, que acabam chegando a esses espaços com pouco embasamento teórico e metodológico específico.

Como apontam Oliveira e Muniz (2022), a falta de diálogo entre os cursos de formação e os cenários reais de atuação em ONG contribui para a descontinuidade de projetos, para o improviso pedagógico e para a dificuldade de integrar teoria e prática. Portanto, é urgente que as licenciaturas incorporem vivências, estágios e discussões específicas sobre práticas corporais em ONG, preparando o docente para lidar com as singularidades desses espaços. Tal movimento fortalece não apenas a formação profissional, mas também a valorização das ONG como campo legítimo de atuação e pesquisa em Educação Física.

Como pesquisadoras e futuras profissionais da Educação Física, nós nos posicionamos a favor de uma prática pedagógica nas ONG que valorize a escuta ativa, o olhar sensível, a participação e a construção coletiva. Defendemos que o professor atue como facilitador de experiências significativas, utilizando as práticas corporais como mediações de afetividade, identidade e cidadania, e não apenas como técnica esportiva ou disciplinadora.

Entendemos também que a formação inicial deve ampliar o debate sobre esses contextos, discutindo possibilidades de organização do trabalho pedagógico, além de incluir vivências práticas em ONG durante a graduação, de modo que os futuros docentes cheguem a esses espaços com maior embasamento e sensibilidade social.

Por fim, reafirmamos que a sistematização dessas experiências, como propõe este artigo, é um passo extremamente importante para valorizar o trabalho docente nas ONG e contribuir para uma Educação Física comprometida com a formação crítica, transformação social e o direito ao acesso à cultura corporal de movimento para todos.

Ao assumir esse posicionamento, compreendemos também que a atuação docente em ONG demanda uma postura ética e politicamente engajada, que reconheça as práticas corporais como direito cultural e social. Não se trata apenas de ofertar atividades físicas, mas de criar condições para que os sujeitos atendidos nesses espaços se reconheçam como protagonistas de suas histórias, valorizando suas experiências, culturas e saberes locais.

Defendemos que as ONG, muitas vezes invisibilizadas nas políticas públicas, devem ser reconhecidas como espaços legítimos de produção de conhecimento e de transformação social. Assim, reforçamos que cabe às universidades assumir a responsabilidade de inserirem esse debate nos currículos de formação inicial, para que os futuros professores possam atuar nesses contextos com criticidade, competência, sensibilidade e compromisso social.

## **7 CONCLUSÃO**

O presente estudo teve como objetivo analisar de que forma é organizado o trabalho docente com práticas corporais nas Organizações Não Governamentais. Por meio da análise de quatro obras científicas, foi possível observar que o trabalho pedagógico nesses espaços se estrutura com base na criatividade, na escuta ativa e no compromisso social dos professores, muitas vezes atuando de forma voluntária ou sem apoio institucional.

As práticas corporais desenvolvidas nas ONG, como a dança, a ginástica para todos, o taekwondo, a capoeira e outras modalidades, assumem um papel pedagógico que vai além da técnica, promovendo inclusão, fortalecimento da identidade, disciplina e transformação social. Entretanto, foi identificado que muitos docentes enfrentam desafios, como ausência de formação específica para atuar nesses contextos, falta de recursos e desvalorização institucional. Ainda assim, as experiências analisadas

demonstram o potencial transformador da Educação Física quando alinhada a uma proposta crítica e participativa.

Conclui-se que há uma lacuna formativa na graduação em Educação Física no que diz respeito à preparação para atuação em ONG, o que torna urgente a inserção dessa temática nos currículos de formação inicial. A sistematização das práticas docentes em ONG, como feita neste artigo, contribui para o fortalecimento de uma Educação Física que reconhece o corpo como expressão cultural e direito social.

Recomenda-se, por fim, que novos estudos sejam realizados, inclusive de natureza empírica, para aprofundar a compreensão sobre os desafios e as potências do trabalho docente nesses espaços. A valorização das ONG como campo legítimo de atuação profissional precisa ser acompanhada de políticas públicas, formação continuada e produções acadêmicas que fortaleçam essa interface entre Educação Física, práticas corporais e justiça social.

## REFERÊNCIAS

ABONG. **Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais**. Disponível em: <https://abong.org.br/>. Acesso em: 23 maio 2025.

ALMEIDA, Ricardo. **Políticas públicas e o terceiro setor**. Salvador: Edufba, 2021.

ASSUMPÇÃO, Bianca; ISHIBASHI, Eliana de Toledo. Sobre a autonomia e a ginástica: a práxis na implementação da ginástica para todos em organizações não governamentais. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1–23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e94279>. Acesso em: 23 maio 2025.

BORGES, C. C. de O.; NEIRA, M. G. Cultura corporal como acontecimento discursivo no campo da Educação Física. **Revista Linhas**, v. 24, n. 54, p. 311–325, 2023. DOI: 10.5965/1984723824542023311.

CARVALHO, C. S.; MARANI, H. C.; MARQUES, D. P.; LARA, L. M. M. et al. Dossiê: práticas corporais e interseccionalidades. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 46, 2024.

CARVALHO JÚNIOR, A. F. P. de. Cultura Corporal do Movimento e promoção da saúde na escola: extensão destinada a pessoas com deficiência visual. **UFF & Sociedade**, Niterói, v. 4, n. 5, e040512, 2024.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CUNHA, Bárbara Silva; MARTINS, Leandro José. Saberes docentes e práticas pedagógicas em ONG: contribuições para a formação em Educação Física. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 65–83, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2447-2301.2023.v10.39172>. Acesso em: 17 jul. 2025.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

FERNANDES, Allysson Barbosa; ROMÃO, Adriano Alves; VILHENA, Fábio André de Farias; RODRIGUES, Katia Silene Macedo de Medeiros; PEREIRA, Leonardo Gonçalves; SILVA, Cicero Pereira da. Terceiro setor no contexto global contemporâneo. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 3, p. 14304-14316, 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2022.

GODOI, Marcos Roberto; KAWASHIMA, Larissa Beraldo; MOREIRA, Evando Carlos. Compromisso educacional e social: trajetórias de professores que desenvolvem projetos sociais esportivos. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2473–2492, out./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i4.13910>. Acesso em: 4 jun. 2025.

LYRIO, Camili Rodrigues. **Organizações não governamentais e seu papel no complemento à educação no Brasil: um estudo de caso a partir da ONG Embaixadores da Educação**. 2024. (43 f.). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais – Ciência Política). Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja. São Borja, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAES, José. **Organizações da sociedade civil: teoria e prática**. São Paulo: Editora Cortez, 2019.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Professoras de escolas públicas: entre o presente e o passado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, Sílvia Cristina de; MUNIZ, Jéssica Nunes. Formação de professores e atuação em ONG: ausências curriculares e desafios pedagógicos. **Revista Educação em Perspectiva**, v. 13, n. 1, p. 1–18, 2022.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Posfácio à segunda edição. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 1-14.

PEREIRA, Gizeli Aparecida; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Projeto social, esporte e educação: a produção da identidade no ensino do taekwondo. **Motrivivência**,

Florianópolis, v. 36, n. 67, p. 1–23, 2024. Disponível em:  
<https://doi.org/10.5007/2175-8042.2024.e96076>. Acesso em: 23 maio 2025.

PELLUSO, Juliana; CECCHETTO, Fátima; RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages. Driblando a violência através do esporte: tensões na abordagem de gênero com jovens de um projeto social. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, São Paulo, 2021

PINTO, Jacyguara Costa; RACHID, Claudenice Pessoa de Matos; VERAS, Kalyne Pantoja; ALMEIDA, Raimundo Junior Pereira de; CABRAL, Walb Alves; COSTA, Maria de Nazaré Pantoja da; CORDEIRO, Sueli de Mira. O papel da Educação Física no desenvolvimento social e emocional dos alunos. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 11, p. 3-12, 2025. Disponível em:  
<https://reben.emnuvens.com.br/revista/index>. Acesso em: 18 jul. 2025.

RAMOS, Carla Fernanda; SANTOS, Marcos Aurélio. A invisibilidade das práticas educativas em ONG: reflexões sobre políticas públicas e reconhecimento institucional. **Revista Brasileira de Políticas Educacionais**, v. 17, n. 2, p. 88–103, 2023.

SANTOS, Aline *et al.* **Gestão e desenvolvimento de ONG no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2020.

SILVA, Maria. **O papel das ONG na educação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2018.

SOUZA, Karla Veríssimo de; MENEZES, Rodrigo da Silva; BRAGA, Letícia Freitas. Práticas corporais e processos identitários em projetos sociais: caminhos para a emancipação juvenil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 45, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2023.102304>. Acesso em: 17 jul. 2025.

TACHIZAWA, Takeshy. **Organizações não governamentais e terceiro setor: criação de ONG e estratégias de atuação**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos, 130).

UEFS. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Feira de Santana: UEFS, 2018.